

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA- UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CE
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS - DHP
CURSO DE PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO

JAQUELINE ONICE DA SIILVA

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS POTIGUARA: Uma
educação diferenciada na Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes
Ribeiro**

**João Pessoa-PB
2017**

JAQUELINE ONICE DA SIILVA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: Uma educação diferenciada na Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO apresentado ao Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, junto ao Departamento de Educação do Campo (DEC), do Centro de Educação da UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de pedagogo/a.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

João Pessoa – PB

2017

S586f Silva, Jaqueline Onice da.

Formação de professores indígenas: uma educação diferenciada na Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro / Jaqueline Onice da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.

38f. : il.

Orientadora: Ana Paula Romão de Souza Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia - Educação do Campo) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação do campo. 2. Educação indígena. 3. Formação pedagógica. I. Título.

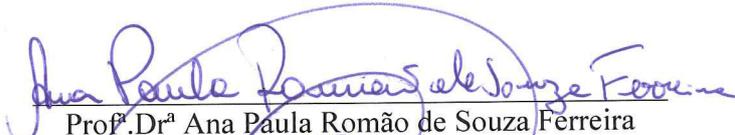
JAQUELINE ONICE DA SILVA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: Uma educação diferenciada
na Escola Estadual Dr. José Lopes Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia, apresentado ao Curso de Pedagogia- Área
de Aprofundamento em Educação do Campo Campus-I da UFPB. Como parte do requisito
para a obtenção de título de graduação em Pedagogia.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora


Prof.^a Dr.^a Ana Paula Romão de Souza Ferreira


Prof.^o Dr.^o Fábio do Nascimento Fonsêca

João Pessoa, 07 de junho de 2017

DEDICO à minha família, em especial à minha mãe Maria Elza Francisca da Silva; ao meu pai, Luis Severino da Silva; e a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Paula Romão que me deu o apoio necessário para realização desse projeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus dou graças a todo o momento, sem sua força jamais teria tido discernimento suficiente para escrever meu trabalho de conclusão de curso.

Aos meus pais e irmãs agradeço por todo incentivo, cobranças, apoio e confiança. Não posso esquecer-me das minhas amigas que a universidade me presenteou as quais levarei para o resto de minha vida, Alexandra Costa, Ana Clara, Ellen Cristina e Maria Gleyka, serei eternamente grata pelas suas amizades e companheirismo.

Agradeço a Diretora da Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro Maria Cristina da Silva Braz e as professoras as quais se dispõem a fazer parte da minha pesquisa.

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira, pela paciência, dedicação, incentivo e cobranças para elaboração deste trabalho.

A todos os professores do curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, que foram de extrema importância ao longo de minha trajetória acadêmica para hoje eu ser a pessoa que sou.

De forma geral a todos meus amigos e companheiros que acreditaram e me apoiaram ao longo de minha caminhada na universidade, á todos meu muito obrigada.

Nós, como educadores, não podemos perder de vista essa educação diferenciada para funcionar. Temos como ponto principal a história do nosso povo, desde a origem de sua existência, passando pelos massacres, pelas vitórias (...). Através destes acontecimentos é que nós vamos trabalhar com nossos alunos, levando para a sala de aula todos os conhecimentos da história; e por aí, juntos, vamos refletir e trocar experiências, fazendo com que o aluno cresça com outro ponto de vista perante a sociedade dominante. Para nós ensinarmos temos que buscar a história dos nossos povos mais idosos, e, no geral, de outros membros da comunidade, buscando todas as suas experiências, e elaborando o trabalho da escola com estas informações.

Edilson Jesus de Souza, professor Pataxó HãHãHãe, BA.
(RCNEI/Indígena,1998p.64)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso está centrado na temática da educação indígena e teve, como questionamento, indagações acerca de como aconteceu a formação dos docentes da Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro? E, quais recursos são ofertados para que a equipe pedagógica da referida escola possa fazer uso para melhorias em seu ensino/cultura? O mesmo teve como objetivo geral analisar a formação do professor indígena enquanto mediador de conhecimento. A metodologia está ancorada na pesquisa qualitativa, realizada através de etapas teóricas e de campo. Os procedimentos de coletas de dados se deram através de questionamentos à gestora e aos professores da Escola Estadual Dr. José Lopes Ribeiro, situada na Aldeia Mont Mor no município de Rio Tinto-PB. Os resultados apontam que o trabalho está respaldado pela legislação, mas ainda assim, necessita ter mais atenção do poder público.

Palavras-chave: Educação do campo. Educação indígena. Formação.

ABSTRACT

This Course Completion Work is centered on the theme of indigenous education and had as question, questions about how the training of the teachers of the State School Dr. José Lopes Ribeiro occurred? And, what resources are offered so that the pedagogical team of said school can make use for improvements in its teaching / culture? The purpose of this study was to analyze the training of indigenous teachers as mediators of knowledge. The methodology is anchored in the qualitative research, carried out through theoretical and field stages. The data collection procedures were done through questions to the manager and to the professors of the Dr. José Lopes Ribeiro State School, located in Aldeia Mont Mor in the municipality of Rio Tinto-PB. The results indicate that the work is supported by legislation, but still, it needs to have more attention of the public power.

Palavras-chave: Education of the field. Indigenous education. Formation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	13
2.1	CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL.....	14
3	POVO POTIGUARA.....	17
4	EDUCAÇÃO INDÍGENA POTIGUARA.....	21
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE	39

1 INTRODUÇÃO

As políticas educacionais voltadas para a educação indígena estão asseguradas na Constituição Federativa do Brasil de 1988, no capítulo III, artigo 210 que assegura aos índios a formação básica comum e o respeito aos seus valores culturais e artístico. Fica assegurado para as comunidades indígenas o direito a educação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) tendo como objetivo fortalecer as práticas culturais e língua materna.

Esse novo olhar para o povo indígena, a preocupação para manter viva sua cultura e língua, foi e continua sendo alvo de debates acerca do tema, a base para esse olhar para educação indígena tem fundamento nos movimentos não governamentais que surgiram nos anos de 1980 e 1990, onde trouxeram os debates sobre a educação, a questão cultural e autonomia dos povos indígenas. Um dos aspectos que se foi discutido foi a formação de professores indígenas, considerando que essa formação é fundamental para preservação da língua e costumes desse povo.

As escolas indígenas foram criadas como um espaço para formação indígena, tendo como objetivo preparar o índio para o convívio social e integrá-lo a sociedade, firmando também o seu espaço de formação cultural. No caso das escolas indígenas, o sistema escolar segue os mesmos padrões das escolas comuns, as escolas são legalizadas nas aldeias, tendo como diferencial seu calendário escolar, pois fazem-se adaptações de acordo com suas diferenciações de cultura e costumes.

De acordo com Cavalcanti (2003, p. 22), “concebe-se a escola não como lugar único de aprendizado, mas como um novo espaço e tempo educativo que deve integrar-se ao sistema mais amplo de educação de cada povo”. No caso da escola indígena, o sistema escolar indígena segue os mesmos padrões da sociedade brasileira, sendo as escolas legalizadas nas aldeias, os professores contratados para ministrar as aulas, os critérios de aprovação estabelecidos pelas secretarias de educação.

O grande diferencial dos povos indígenas é que são conhecedores de sua própria cultura. Contudo, sua formação ainda é um assunto polemico, pois para muitos, índio são apenas aqueles que andam “pelados”, de arco e flecha nas mãos, foram muitos movimentos e lutas, ou melhor, infelizmente ainda é o que vemos, esses que foram os primeiros habitantes das nossas terras participando de movimentos, em busca não apenas de melhoria na educação, mas sim em diversas esferas, os povos indígenas tem sim o direito de ter em mãos não apenas o arco e flecha, mas também o caderno e lápis, todos temos direito a educação.

As conquistas obtidas ao longo do tempo na educação indígena infelizmente não foram suficientes para esclarecer uma grande duvida que paira dentro da sociedade: “o que se tem de diferenciado na educação indígena”. Levando em conta essa questão buscamos abordar a problemática **“Formação de professores indígenas Potiguara: Uma educação diferenciada na Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro”** tendo como objetivo principal compreender como acontece a formação dos docentes desta escola, quais recursos são ofertados para que a equipe pedagógica da referida escola possa fazer uso para melhorias em seu ensino/cultura.

Os sujeitos da nossa pesquisa foram a diretora da escola Dr. José Lopes Ribeiro, situada na Aldeia Mont Mor, e duas professoras. Buscamos assim estabelecer uma relação entre o que encontramos com nossa pesquisa na LDB, Diretrizes Curriculares e o que encontramos no cotidiano dentro de uma escola Indígena.

Os procedimentos metodológicos situam-se no quadro de uma pesquisa aplicada e qualitativa, com a utilização de uma entrevista semiestruturada, na construção de dois questionários com perguntas abertas e fechadas aos sujeitos da pesquisa: A diretora escolar e duas professoras, ambas da primeira fase do ensino fundamental. Além disso, nos servimos da observação do corpo docente no entorno do espaço escolar em seu cotidiano com período de uma semana, na utilização de uma câmera fotográfica, registrando a estrutura do colégio e atividades diferenciadas. Portanto, temos a compreensão da importância de investigar mais acerca da formação do professor indígena, presentes no espaço escolar e nas práticas pedagógicas.

A motivação para estudar esse tema surgiu da convivência com povos indígenas, pois não sou índia, porém minha realidade é bem próxima. Moro na aldeia Mont Mor, onde tive o prazer de realizar estágios obrigatórios no curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo na escola Dr. José Lopes Ribeiro, partindo daí o interesse em estudar mais sobre a temática de educação indígena.

A classe(??) indígena infelizmente vem sendo exterminada e desvalorizada. Atualmente, restam alguns poucos representantes dessa população. É gratificante estudar a temática indígena pois são esses os primeiros povos existentes no Brasil, povos esses que estão pouco a pouco tendo sua cultura esquecida, algo que já vem acontecendo há algum tempo, pois se formos olhar um pouco para traz iremos ver que desde a chegada dos europeus ao Brasil alguns índios deixaram para traz seu povo, sua cultura, seus valores, crenças e raízes, para seguir caminho com os europeus.

Para se ter leis que assegurem o direito a educação diferenciada para os povos indígenas, foi preciso essa população ir a luta, os próprios índios começaram a debater a política de escolarização e começaram a exigir dos órgãos governamentais uma educação escolar voltada para sua realidade. Hoje já não se tem discussões se os índios devem ou não ser escolarizado, se é ou não civilizados, pois depois de muita luta o índio passou a ser aceito como cidadão dentro da sociedade.

Para ensinar é necessário ter conhecimento acerca do assunto abordado. De tal forma, julgo necessário que os professores não apenas de escolas indígenas mas sim no geral tenham conhecimento a fundo sobre os povos indígenas, uma vez que o que os livros didáticos nos trazem a respeito dos povos indígenas é muito pouco, a historia de luta, preconceito, determinação e conquistas somos nós quem tem que transmitir para os alunos, não podemos deixar que algo de tanta importância como de fato são os índios sejam esquecidos.

Nesse sentido, tivemos o intuito de pesquisar qual o diferencial encontrado em escolas indígenas, de que forma acontece a formação dos professores que trabalham em escolas indígenas, qual a forma de ingresso dos mesmos nessas escolas e de quais artifícios a equipe da Escola Estadual Indígena Dr. Jose Lopes

Ribeiro utilizam para levar para dentro dos muros da escola motivação para permanecer vivo dentro dos estudantes o amor e respeito pela cultura indígena.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO

Ao se falar em educação do campo, pensava-se e muitos pensam que o problema que essa população encontra é apenas uma questão de localização geográfica e baixo número da população existente no campo. Entre outras coisas a maior questão de todas é a necessidade de se percorrer longas distâncias entre a sua casa e o local onde a escola está inserida, pelo fato de existir poucas escolas capacitadas para atender a população do campo, dentro do espaço campo.

A Educação do Campo é um conceito que surgiu no final do século XX (1990), através de lutas dos movimentos sociais. Conforme Souza (2006), começam a haver várias iniciativas que procuram inserir a Educação do Campo na agenda política do Estado, surgindo, assim, inúmeras parcerias, experiências educativas e mudanças na estrutura política, econômica e social do país, tendo como principais sujeitos os trabalhadores rurais e a necessidade de criação de conhecimentos educacionais críticos, voltados aos próprios sujeitos do campo.

Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004, p.176):

As Diretrizes da educação Básica nas Escolas do Campo foram conquistadas pelos movimentos sociais do campo. Os mesmos propugnam por algo que ainda não teve lugar, em seu estado pleno, porque perfeito no nível das suas aspirações. Propõem mudanças na ordem vigente, tornando visível, por meio das reivindicações do cotidiano, a crítica ao instituído e o horizonte da educação escolar inclusiva.

Portanto, a Educação do Campo deve contemplar não apenas assuntos que sejam vistos como componente curricular obrigatório. Há que haver uma flexibilidade ao criar o calendário escolar, levando-se em consideração as particularidades do povo do campo e os conhecimentos que são transmitidos de pai para filho, tendo como principal objetivo a permanência do alunado do campo no espaço escolar. Afinal, muitos são os fatores negativos que levam crianças e jovens a se afastar da escola, destacando-se a distância percorrida para chegar à escola e a necessidade de ajudar os pais nos serviços agrícolas para assim garantir o sustento da família. É necessário, portanto, haver mais políticas públicas que visem a melhoria da população do campo, esses povos são ricos em conhecimentos, não podem ser

vistos como pessoas vazias, pois é através dessa população que chega em nossas mesas, o pão, arroz, feijão, entre outros alimentos.

Um professor que trabalhe no meio rural deve conhecer o local em que sua turma está inserida, as metodologias de ensino desse professor devem ser adequadas às necessidades e interesses dos alunos de zona rural, os quais precisam de um ensino que valorize, dentre outros aspectos, a cultura da criança que vive no campo e seu modo de vida. Dessa forma, se conseguirá que a criança se encante pela sua realidade, pelo meio em que está inserida, buscando assim quebrar o paradigma de que “educação boa é a das cidades grandes”, os estudantes do campo têm que sentir que são importantes dentro da sociedade, para a sociedade.

2.1 Contexto da Educação do Campo no Brasil

O ensino regular em áreas rurais surgiu com o fim do Segundo Império, ampliou-se na primeira metade deste século, e foi desenvolvido de acordo com as necessidades que iam surgindo, decorrentes da evolução das estruturas socioagrárias do país (CALAZANS, 1993). A monocultura da cana-de-açúcar precisava de mão-de-obra especializada, e, com a chegada da monocultura cafeeira e o fim da escravidão, a agricultura necessitou de pessoal mais especializado para o setor agrícola, sendo que a qualificação deveria ser dada pela escola (CALAZANS, 1993).

Somente a partir de 1930 começaram a surgir programas de escolarização para a população do campo. Antes desta década, se destacam o Plano de Educação de 1812 (no governo de Dom João VI), o Plano Nacional de Educação (na reforma de 1826) e a Reforma de 1879. Todos esses destacavam a importância de um ensino voltado ao agricultor, as suas necessidades e particularidades, levando-se em conta seus conhecimentos sobre lavoura, terrenos, plantações, entre outros os quais deveriam ser ensinados em sala de aula para o aluno.

Podemos perceber que o ensino para população do campo foi se desenvolvendo lentamente, de acordo com sua expansão foram surgindo os programas educacionais que visavam atender a demanda da realidade da população do campo.

Em 1930, predominaram ideias do grupo de pioneiros do “ruralismo pedagógico”, os quais propunham, dentre outros fatores, uma escola rural voltada aos interesses da região em que fosse destinada e que norteasse a ação para a conquista da terra (CALAZANS, 1993).

Na década de 1940, as ideias do “ruralismo pedagógico” (ideal que propunha combater o êxodo rural, fixando o homem no campo) estavam presentes em algumas regiões do país, e cada vez mais se encontrava a necessidade de se criar programas e currículos voltados à cultura rural. Segundo Calazans (1993), em 1942 foi realizado um Congresso Nacional de Educação para buscar diretrizes e soluções para o ensino rural: o Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, promovido pela Associação Brasileira de Educação, que propunha, através dos estudos e debates discutidos, uma escola com o objetivo de ajustar o indivíduo ao meio rural, que o fixa ao campo para fins de produção, seguindo as ideias do “ruralismo pedagógico”.

Segundo Leite (1999), a Educação Rural é caracterizada como as políticas vindas do Estado através da história da educação brasileira. O Estado, como instância política, e o capitalismo, como instância econômica, visavam o lucro da produção, proporcionando um ensino voltado a uma formação mais técnica, em que o trabalhador aprenderia o suficiente para desempenhar funções com o objetivo de fortalecer a ambos: os alunos usufruindo do processo escolar para atender seus objetivos, e o Estado pensando a educação que o trabalhador rural deveria ter.

A principal preocupação da época era fazer com que o homem do campo permanecesse no campo, por meio de escola voltada para o trabalhador rural, tendo como objetivo na época “ruralizar o homem rural”, buscando assim a permanência dos mesmos no espaço campo, não era por tanto necessária uma educação urbanizada, pois o objetivo da classe dominante era exatamente garantir a permanência dos homens do campo no campo. Ofereceu, a uma pequena parcela da população rural, uma educação instrumental, reduzida ao atendimento de necessidades educacionais elementares e ao treinamento de mão-de-obra.

Nas décadas de 1960 e 1970, foram criados programas para o meio rural, todos com a intenção de voltar ações educacionais às necessidades da população rural, sendo a maioria para o desenvolvimento da comunidade e educação de adultos. Na década de 1980, foi criado, no Nordeste, um projeto especial de Educação Rural (EDURURAL), que criticava a implantação do currículo urbano nas escolas rurais, propondo uma educação voltada para a realidade campestre (LEITE, 1999).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, em seu art. 105, estabeleceu que

os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades que mantenham na zona rural escolas capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações profissionais”.

A LDB 9394/96 promoveu a desvinculação da escola rural dos meios escolares urbanos, com a exigência de um planejamento interligado à vida rural e a adequação das instituições ao calendário rural, enfatizando que o ensino nas escolas deve ser voltado às necessidades da população do campo.

Ao falarmos em educação do campo, existe uma necessidade de citar o MST, pois esse é um movimento que sempre se preocupou com o sujeito do campo e lutou para que este conquistasse seu espaço, e na área educacional, lutou e continua lutando por escola pública, preocupando-se com uma educação voltada à realidade do indivíduo que mora no campo e que atenda as suas necessidades.

Os povos do campo representam diversas categorias sociais, como posseiros, boias frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, quilombolas, comunidades negras rurais, e também as etnias indígenas.

É uma batalha constante para os professores de escolas do campo, vincular os conteúdos curriculares obrigatórios com a realidade dos alunos do campo buscando sempre uma formação humana para um cidadão que mora na zona rural, que necessitam acima de tudo de conhecimentos e estímulo para que possa permanecer no campo.

3 POVO POTIGUARA

Potiguara é um povo guerreiro e acolhedor. Quando ouvimos falar de indígenas, pensamos logo na imagem que se retrata a seres totalmente diferentes à nossa realidade, como indivíduos que vivem no meio do mato, selvagens e bárbaros, seminus, portadores de outros costumes e utilizando armas com arcos e flechas. São pensamentos e construções que adquirimos desde os primeiros anos de escola em relação aos primeiros habitantes das terras brasileiras. Quando nos deparamos com os Indígenas Potiguara tudo o que foi construído ou dimensionado no ambiente escolar passa a ter outro ponto de vista. Até porque diferente dos livros didáticos ou até mesmo das fábulas que nós acostumávamos ver, tivemos outra realidade, a oportunidade de conviver junto e perceber sua essência como etnia.

Os Indígenas Potiguara vivem na contemporaneidade junto às pessoas que não são indígenas, como cidadãos ativos e participantes na sociedade, de modo a não deixar de lado os seus costumes, a suas crenças e, acima de tudo, priorizando a sua cultura e seus valores étnicos indigenista. Não é pelo fato de serem indígenas que necessariamente tem que viver uma vida excluída da realidade das pessoas que não são indígenas, mas, muito pelo contrário, os indígenas não vivem isolados da civilização, embora muitas vezes não queiram confundir a sua cultura e seus costumes, com o da sociedade em geral, preservando assim os seus valores e sua ancestralidade, sem deixar de falar de sua própria etnia.

O termo Potiguara significa comedor de camarão. Conhecidos desde os primórdios da colonização, esse povo pertencia ao grupo tupi, nome dado à língua nativa, a qual falavam os tupinambás e outras etnias. Segundo Barcellos (2012, p. 61-62 apud MONEEN; MAIA, 1992), “[...] Nos documentos são: potigoar, potiuara, pitiguara, pitigoar e petigoar.” A respeito desses indígenas, Palitot (2002, p. 137), afirma que:

Atualmente, a nação Potiguara é constituída por 33 aldeias, habitando numa faixa de terras de 33.757 hectares, com uma população de aproximadamente 20 mil indígenas, vivendo nos municípios paraibanos de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição.

O Povo Potiguara valoriza e prioriza os seus costumes, crenças e religiosidades, priorizando e valorizando o bem estar para toda comunidade. A terra Potiguara é um solo sagrado, um legado rico que vem sempre lembrado de geração em geração pelos anciões nas Aldeias. Mediante Barcellos (2012, p. 104) “A terra é o lugar sagrado dos Potiguara, respeitosa e chamada de mãe terra, epicentro da mãe natureza que, grávida permanentemente, faz desabrochar o espetáculo da vida.”

Para os Potiguara a terra é uma das essências primordiais para a razão de ser dos indígenas e também um dos lugares sagrados. Podemos citar as matas como outro elemento sagrado para os Potiguara. Barcellos (2012, p. 116-117) afirma: “A etnia Potiguara tem a convicção do valor sagrado presente nas matas”. As matas são os lugares onde os Potiguara mencionam que se comunicam com os espíritos e seus deuses ancestrais. As matas também são usadas para ornamentações de celebrações e cerimônias religiosas. “Das matas, são retiradas raízes, troncos, galhos, cascas, folhas, flores e frutos, utilizados na produção de remédios caseiros, muitos comuns na medicina tradicional indígena.” (BARCELLOS, 2012, p. 121). As matas, as florestas e o meio ambiente os indígenas valorizam, respeitam muito de tal forma que utilizam recursos para os seus próprios benefícios, de forma positiva e não agredindo o meio ambiente, com o intuito de proteger o seu lugar sagrado. Vale destacar isso como um ponto positivo, pois os indígenas são um povo que valoriza e conscientiza o meio ambiente e as florestas, protegendo-as e utilizando-as como lugares sagrados para os seus rituais. Entretanto, nos tempos de hoje, vemos florestas devastadas por queimadas ou até mesmo derrubamentos de árvores para a utilização de bens de consumo, e para recursos próprios de empresas ou instituições que visam o lucro financeiro. É de grande tristeza e ao mesmo tempo uma falta de respeito e de cuidado com a natureza e com o meio ambiente denegrindo propositalmente e não tendo a consciência do valor maléfico que pode proporcionar não só para o meio ambiente e nosso ecossistema, como também para nós mesmos.

E não podemos esquecer outro elemento fundamental que os Potiguara valorizam: o elemento da água. Isso porque a água é um elemento essencial não só para os seres humanos, como também para todos os seres vivos. Nesse sentido Barcellos (2012, p. 125 apud BARROS 2004, p. 178-179) afirma que “[...] devemos

lidar com a terra e com a água, como vasos sagrados do templo cósmico de Deus [...] Mantendo com ela uma relação de amor [...]”. As aldeias Potiguara são próximas de rios, mares, cachoeiras e o mar que encanta a vista de qualquer pessoa que chega para visitar, tornando-a um vislumbrante lugar que possibilita o encanto da natureza e das riquezas que ela representa, tanto para os não indígenas como também para os Potiguaras.

Como vimos, os Potiguara valorizam as suas crenças, a religiosidade e a cultura, respeitando a mãe terra, as matas e as águas. Mas, Podemos até citar outros elementos e lugares sagrados que os Potiguaras estimam como: As furnas, que são de um formato de uma gruta ou cavernas onde os indígenas deixam-se conduzir pela mãe natureza tomados pelos ancestrais; as ocas, que são construídas servindo de moradias para os seus familiares, sem deixar de falar que é um lugar para os indígenas de conversas, de diálogos, de tomarem decisões, de resolverem conflitos e de fazerem reuniões, realizarem assembleias e também de receber os convidados, parentes e visitantes. E as igrejas, se apresentam neste contexto como um patrimônio cultural e simbólico respeitado pelos Potiguara. Barcellos, (2012, p. 142) afirma que “A igreja é uma das principais referências da aldeia, local de recolhimento e de intimidade com Deus.” Cada elemento caracterizando diferentes formas que os Potiguaras utilizam e que dão um sentido, possibilitando uma autonomia própria e diferenciada com relação aos outros povos.

Com relação à religiosidade Potiguara, não podemos deixar de falar do Rito do Toré, uma prática muito conhecida e praticada pelos Potiguara. Barcellos (2012, p. 281-282) afirma:

Cada povo indígena tem o seu jeito de ser, sua musicalidade, dança, coreografia, forma de estabelecer contatos com os ancestrais que, durante o ritual de tore, estão ali constituídos. Trata-se de um conjunto de elementos presentes nas várias etnias, mas cada grupo com suas especificidades locais e conservando sua singularidade, embora haja diálogo e troca de experiências entre povos distintos.

O ritual do Toré é um dos elementos que os Potiguaras também valorizam em sua cultura seguindo uma tradição que também é passada de geração em geração como uma das principais práticas religiosas constituídas por eles.

Portanto destacamos alguns aspectos primordiais que os Potiguaras carregam na bagagem através de sua cultura e tradição. Essas considerações serviram de suporte para entendermos sobre a cultura, as crenças e as religiosidades que é de suma importância para os Potiguaras, antes de entrarmos na essência do nosso estudo.

4 EDUCAÇÃO INDÍGENA POTIGUARA

Diante de todo esse processo de aculturação sofrido por esta etnia, os indígenas Potiguaras tiveram a iniciativa de ir à luta em busca de uma educação diferenciada e adequada aos seus hábitos e costumes. Neste sentido, conseguiram implantar em boa parte das aldeias Indígenas Potiguara, um ensino coeso voltado à sua realidade. Tomando conhecimento de toda essa jornada dos indígenas locais por uma educação diferenciada, voltada a atender as necessidades do seu povo, surgiram nossas inquietações para conhecer um pouco mais deste processo, e entender como funciona a formação do professor de uma escola indígena na comunidade potiguara da aldeia Mont Mor, localizada no Município de Rio Tinto-PB.

A constituição de uma escola indígena se diferencia muito de uma escola não indígena, sobretudo por ser uma educação diferenciada, requerendo mudanças pedagógicas internas e também externas, tanto na sistematização do ensino dentro das escolas indígenas priorizando a cultura e os valores étnicos indigenistas, como também na educação construída desde o berço por seus familiares. Essas diferenças, de certa forma, estão voltadas nas diretrizes curriculares, nos objetivos da escola, no currículo e nos programas utilizados. O Art. 2º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, afirma, em seu inciso VII, como dever do Estado, que:

Zelar para que o direito à educação escolar diferenciada seja garantido às comunidades indígenas com qualidade social e pertinência pedagógica, cultural, linguística, ambiental e territorial, respeitando as lógicas, saberes e perspectivas dos próprios povos indígenas.

Educação indígena refere-se ao processo próprio de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas. Educação escolar indígena fala a respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não indígena por meio da escola, que é a única instituição própria dos povos colonizadores.

Sendo assim, existe uma diferença entre educação indígena e educação escolar indígena. Pois a educação indígena está diretamente envolvida aos processos de conhecimentos empíricos, voltada aos conhecimentos transmitidos por seus familiares, seus costumes e tradições, que são transmitidos de pai para filho e de filho para os seus filhos e assim sucessivamente sem perder a valorização de sua cultura. E a educação escolar indígena também está envolvida aos processos de conhecimentos indígenas, sendo que a escola é a chave para esse processo, é a ponte transmissora dos conhecimentos junto com os participantes ativos na escola.

A educação indígena é um direito assegurado aos povos indígenas pela Constituição Brasileira de 1988. O caput do artigo 210 estabelece que: "Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais." E o § 2º do mesmo artigo estatui "O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem." Todas as constituições republicanas brasileiras (exceto a de 1891) reconheceram aos povos indígenas direito sobre os territórios por eles habitados. Entretanto, a Constituição de 1988 vai mais longe, em relação aos direitos dos indígenas, reconhecendo a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições desses povos, além dos seus "direitos originários sobre as terras que ocupavam e que são suas por direito, competindo à União demarcá-las, proteger e respeitar todos os seus bens.

A Educação Indígena é intra-social atrelada às relações interpessoais, isso acontece no contexto social em que se vive, dispensando o acesso à escrita e aos conhecimentos universais. Pois cada comunidade ou até mesmo povo indígena tem suas formas próprias e tradicionais de educação, caracterizadas pela transmissão oral do saber socialmente valorizado através da construção de conhecimentos adquirido pela sua família e no meio social em que vive, valorizando a cultura e as diversidades.

A Educação Escolar Indígena é uma forma sistemática e específica de conceber a escola de forma contextualizada às comunidades indígenas, dessa forma proporciona a classe indígena ter acesso aos conhecimentos universais sistematizados na/pela escola, inclusos nos conteúdos curriculares, sempre dando

ênfase as particularidades desse povo. Na sua maioria o indígena tem de certa forma uma ajuda favorável pelo estado com auxílio dos municípios, para garantir um acesso mais dinâmico, com qualidade de ensino não apenas para suas escolas, mas também para a sua saúde.

Os indígenas Potiguaras são pessoas participativas e democráticas, pessoas essas que lutam por seus princípios, causas e identidade. A fundamentação teórica da nossa pesquisa é a formação dos professores indígenas, a partir da explanação de leis e diretrizes, fundamentadas também em autores direcionados a educação indígena, correlacionados à formação do professor.

Cavalcanti (2001) afirma que “A Constituição Federal reconhece aos povos indígenas o direito à educação bilíngue e intercultural” e também que „somente em 1991, a educação indígena foi introduzida na Constituição Federal brasileira como sendo, responsabilidade do governo“(CAVALCANTI, 1999, p. 395).

Assim, vamos adentrar com segurança em nosso objeto de estudo. Nessa perspectiva, buscamos trazer uma reflexão acerca da qualificação dos professores que lecionam na Escola Estadual Indígena Dr. Jose Lopes Ribeiro, situado na aldeia Mont Mor no município de Rio Tinto-PB. No mundo globalizado em que vivemos se precedem a predominância das grandes transformações sociais, avanços tecnológicos, com a existência de uma sociedade transformadora, a classe indígena esta dentro dessa sociedade em que faz uso das novas tecnologias e oportunidades lhes dada, assegurada pela Lei de 1988, as escolas indígenas possuem um calendário diferenciado, levando em conta suas especificidades, para assim poder atender de forma coesa as necessidades no âmbito da educação encontradas por essa população.

4.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDIGENA POTIGUARA

As escolas indígenas foram criadas como um espaço para formação daquele povo para o convívio dentro do ambiente social, buscando assim integra-lo dentro da sociedade, firmando ainda o seu ambiente de formação cultural, buscando fazer com que permaneçam viva suas crenças, costumes e tradições. Diferente do que traz os

livros e muitos pensam os índios brasileiros não são um só povo, por isso é interessante falar que nossa pesquisa foi realizada com os potiguaras da Aldeia Mont Mor, para assim adentrarmos no tema principal da nossa pesquisa, a formação do professor indígena.

A formação do professor indígena passa a ser mais importante a partir do momento em que nos conscientizamos que esses profissionais são formadores e mediadores de conhecimento, participando ativamente da constituição dos projetos das escolas indígenas, buscando assim fortalecer os laços entre escola e comunidade, essa classe é responsável ainda por transmitir os conteúdos curriculares obrigatório, sem esquecer de levar para sala de aula/ambiente escolar, Na escola indígena o professor: É reconhecido e se reconhece como membro de uma das sociedades indígenas do país, distinta, por um lado, da sociedade mais ampla, brasileira, e, por outro, também de outras sociedades indígenas do Brasil e do resto do mundo. E a ele estão conferidos direitos e deveres definidos nos últimos anos em textos diversos de caráter normativo e referencial (Diretrizes MEC, 1993; LDBEN, 1996; RCNEI,1998; Resolução CNE nº 3/99; Parecer CNE nº 14/99).

Na escola indígena o professor: É reconhecido e se reconhece como membro de uma das sociedades indígenas do país, distinta, por um lado, da sociedade mais ampla, brasileira, e, por outro, também de outras sociedades indígenas do Brasil e do resto do mundo. E a ele estão conferidos direitos e deveres definidos nos últimos anos em textos diversos de caráter normativo e referencial (Diretrizes MEC, 1993; LDBEN, 1996; RCNEI,1998; Resolução CNE nº 3/99; Parecer CNE nº 14/99).

conteúdos referentes a sua etnia e de sua comunidade, buscando assim estimular a permanência dos costumes e tradições de um povo com grande valor histórico.

O tema escolhido é de grande relevância para muitos, porém de suma importância para nós, pois busca compreender de que forma se dá a formação do professor indígena, muitas vezes com pouca formação acadêmica, porém com muito conhecimento a respeito de sua realidade e que acaba interferindo diretamente na formação de um indivíduo, que infelizmente ainda é visto por muitos da sociedade como um ser diferente e incapaz de conviver com a sociedade.

Por tanto, nota-se que o papel do professor indígena, não acaba dentro da sala de aula, devido sua convivência com a comunidade a qual a escola esta

inserida, passa a criar laços. Antes de tudo os professores indígenas necessitam ser o espelho de sua comunidade, professor/pesquisador da sua própria cultura, acaba sendo necessário que os professores também sejam indígenas, para que assim seja garantida a presença da cultura indígena ao longo de todo processo educacional, temos como exemplo a língua indígena, a qual poderia ser constituída como disciplina em si e como instrumento de ensino em todas as outras disciplinas do currículo escolar. Podendo ainda estimular o intercâmbio entre professores indígenas de outras etnias possibilitando o acesso a conhecimentos que contribuam para ampliar a compreensão crítica da realidade e a capacidade de atuação sobre esta.

Entre muitos os desafios encontrados pelo povo indígena a formação do professor é um deles, pois para atender suas especificidades é necessário ser ofertado a essa classe capacitações que busquem melhorar/estimular a prevalência de sua cultura.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996 prevê a formação de pessoal especializado para atuar nessa área e a elaboração e publicação de materiais didáticos específicos e diferenciados, que tem por finalidade fortalecer e manter viva a língua materna, buscando assim ter um material que possa ser disponibilizado, com o intuito de facilitar a busca do professor indígena por recursos didáticos que visem melhorar seu desempenho em sala de aula.

No âmbito das políticas de formação do professor indígena, expressas nos Referenciais para a formação de professores indígenas (GRUPIONI e MONTE, 2002), as questões sobre formação englobam os seguintes aspectos: 1) necessidade de uma formação permanente que possibilite ao profissional indígena completar sua escolaridade até o terceiro grau; 2) a criação de instâncias administrativas que possibilitem a execução dos programas de educação indígena; 3) a participação do professor indígena no processo educacional. Este último aspecto é bastante complexo e implica o duplo olhar que o professor indígena deverá ter em relação ao mundo à sua volta, conforme expresso nos referenciais

Para formação (GRUPIONI e MONTE, 2002, p.35). As questões apontadas nesse documento são bastante complexas e indicativas de ações que interferem diretamente nos saberes de formação do professor indígena: conhecer

profundamente suas próprias raízes, mas não perder-se nelas. Ao mesmo tempo, ser um cidadão do mundo e ajudar a construí-lo.

Na LDBN/9394/96 encontra-se, no artigo 79, inciso segundo, que versa sobre o Plano nacional de educação, item II: deverá promover formação de pessoal especializado destinado às comunidades indígenas. No item III: desenvolver currículos e programas específicos; itens IV elaborar e publicar sistematicamente material específico e diferenciado. Assim, desde o artigo 78 ao 86 foi reservado espaço para legislar sobre os direitos assegurados aos povos indígenas.

5 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo iremos abordar o resultado da nossa pesquisa relacionada a formação do professor indígena potiguara, procurando conhecer como que se da a formação desses professores, visando rever os nossos objetivos e responder as questões que nos inquietaram, optamos por fazer uma pesquisa, qualitativa aplicada através de questionários. Assim, seguimos os seguintes instrumentos metodológicos:

- No primeiro momento, desenvolvemos questionários com perguntas abertas e fechadas;
- Aplicamos os questionários com perguntas para cada pessoa entrevistada, de forma singular, estabelecendo as suas especificidades de trabalho. Sendo elas: A gestora da Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes ribeiro e duas professoras da mesma escola.
- E por fim, colhemos os dados da pesquisa através das aplicações dos questionários, observamos também o ambiente escolar e sua divisão, sendo elas: Ed. Infantil (1º ao 5º ano), no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e por fim no Ensino Médio do 1º ao 3º ano. Concluindo nossa observação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que funciona no turno da noite.

De inicio destacaremos os aspectos físicos da escola, para termos uma visão do âmbito escolar. A Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro esta localizada na Rua São Pedro, situada na Vila Regina, na Aldeia Mont Mor, na cidade de Rio Tinto-PB .

Reforça-se o aprendizado da língua materna com a oficina de Tupi para os alunos e para a comunidade, através das artes com pinturas corporais e confecções de materiais indígenas, utilizando o Toré, dança tradicionalmente enraizada pela cultura indígena Potiguara.

Todos esses instrumentos contribuem para o amadurecimento dos indivíduos participantes da comunidade através do ensino e aprendizagem. Portanto, constitui-

se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral, contando com o programa oferecido pelo governo federal o Mais Educação.

A escola possui 9 salas de aula, todas funcionando nos 3 turnos nas diversas modalidades de ensino. A escola possui também uma secretária e diretoria num só lugar, uma almoxarifado, 5 banheiros (2 masculinos, 2 femininos e 1 direcionado aos funcionários). Uma cantina, um pátio aberto para o recreio das crianças que serve para as atividades pedagógicas e também culturais para os estudantes indígenas, uma sala para biblioteca, 1 laboratório de informática, 1 sala dos professores. A escola foi fundada no ano de 1965, e no ano de 2009 passou a ser uma escola indígena com uma educação diferenciada voltada a realidade e os preceitos educacionais indígenas. A escola indígena Dr. José Lopes Ribeiro funciona nos três turnos cujas modalidades são respectivamente: Pela manhã: Ed. Infantil do 1º ao 5º ano. Pela tarde temos: ensino fundamental do 6º ao 9º ano, Ensino Médio do 1º ao 3º ano. E a noite, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) 1º segmento (do 1º ao 5º ano), 2º segmento (do 6º ao 9º ano) e Ensino Médio (do 1º ao 3º ano).

Durante minha estadia na Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro, tive o prazer de estar presente em um dos mais representativos aspectos culturais do povo potiguara o ritual do toré. Na fotografia abaixo, podemos visualizar a participação de alguns alunos neste evento.

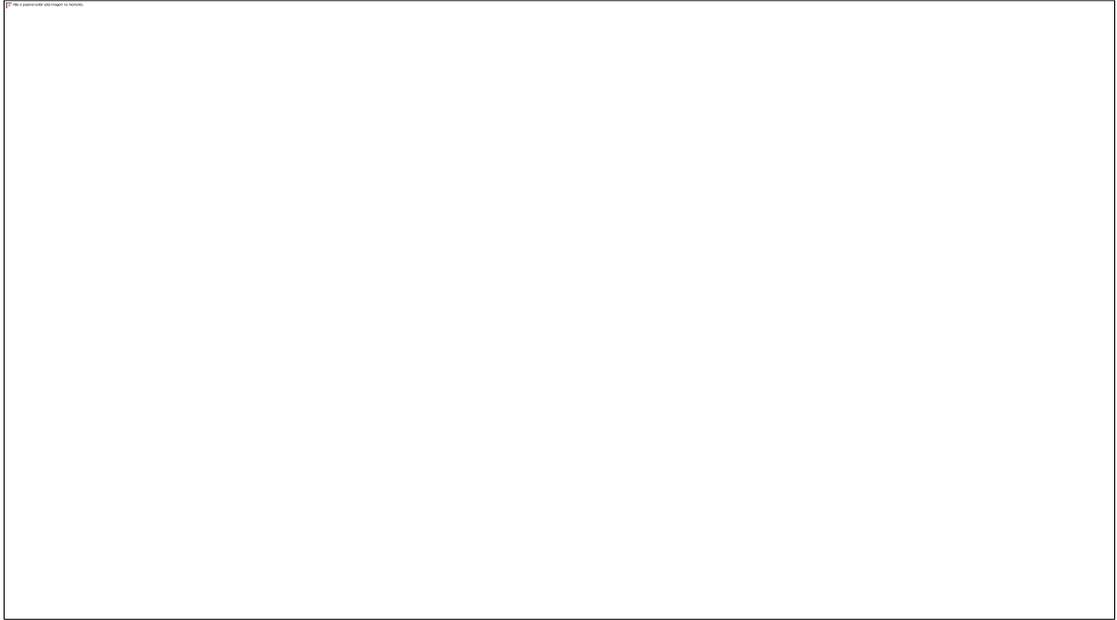


FOTO 01 Prática do Ritual do Toré com os funcionários da Gestão escolar, com os alunos , e funcionários da escola, realizado na Escola Indígena Dr. José Lopes Ribeiro(mar. 23)

Esse ritual ocorreu no quarto dia que estive presente na escola, com a participação de todos os sujeitos que trabalham no espaço escolar: a gestora, os técnicos administrativos, os professores e os alunos. O ritual assume a forma de um círculo, e nesse círculo se movimentam em sentido anti-horário. Na parte externa do círculo temos os alunos, e na parte interna os professores indígenas mais experientes da escola conduzindo a cerimônia ritualística.



FOTO 2 Parte da dança do toré com os alunos da referida escola.

O ritual do Toré é muito praticado pelos indígenas Potiguara por ser um símbolo dos seus valores culturais. Segundo Barcellos (2012), o ritual do toré é constituído pela participação de indígenas, que através da musicalidade, dança e coreografia estabelece o contato com ancestrais durante o ritual.

Cada povo indígena tem o seu jeito de ser, sua musicalidade, dança, coreografia, forma de estabelecer contatos com os ancestrais que, durante o ritual do toré, estão ali constituídos. Trata-se de um conjunto de elementos presentes nas várias etnias, mas cada grupo com suas especificidades locais e conservando sua singularidade, embora haja diálogo e troca de experiência entre povos distintos. (BARCELLLOS, 2012, p. 281).



FOTO 4 Esse é o professor ministrante da disciplina diferenciada no currículo da escola, disciplina de tupi.

Um momento muito rico em conhecimento para as crianças é a aula de tupi, pois esse é o momento em que eles tem contato com sua língua, por já não ser a língua oficial da aldeia, é despertado dentro deles um interesse maior.

Nossa pesquisa buscou Compreender de que forma acontece a formação dos docentes da Escola Indígena Dr. José Lopes Ribeiro situada na Aldeia Mont Mor no município de Rio Tinto, por tanto fizemos uso de dois questionários, um aplicado a diretora e o outro aplicado a duas professoras.

Indagamos os docentes envolvidos nessa investigação sobre a forma de ingresso em uma escola indígena. O Quadro I nos possibilita essa sistematização:

QUADRO I – FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDIGENA POTIGUARA		
1. (Pergunta 1) Como se tornou professora indígena?		
DOCENTES	RESPOSTAS	SÍNTESE INTERPRETATIVA
Docente A	Por indicação	Em conversa informal ela relatou que foi indicação da cacique.
Docente B	Através de indicação, entrei em outra escola indígena, a dois anos fui transferida para essa escola.	Foi feita a transferência de uma escola indígena para a outra.

Fonte: dados coletados pela pesquisadora durante o período 2016.2 (2017).

Ao observar as respostas compreendemos que ambas as professoras tiveram seu ingresso na escola indígena através de indicação.

Em um segundo questionamento as professoras A e B foram questionadas a respeito de sua capacitação, o nosso dialogo teve as seguintes respostas:

QUADRO II – FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDIGENA POTIGUARA		
2. (Pergunta 2) Você já participou de alguma capacitação? Se sim, disponibilizada por quem?		
DOCENTES	RESPOSTAS	SÍNTESE INTERPRETATIVA
Docente A	Sim, ofertada pelo Estado	Participou de capacitação
Docente B	sim, varias (algumas pelo governo federal e estado)	Participou de algumas capacitações

Ao analisarmos as respostas observamos que ambas participaram de uma capacitação ofertada pelo estado, e a professora B participou de uma outra ofertada pelo governo federal, como relatado por elas.

No quadro a seguir perguntamos qual a estratégia utilizada por elas em sala de aula.

QUADRO III – FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDÍGENA POTIGUAR		
3. (Pergunta 2) Qual estratégia é utilizada por você em sala de aula para fazer permanecerem viva as identidades desse povo? Nas capacitações oferecidas essa discussão esta contemplada?		
DOCENTES	RESPOSTAS	SÍNTESE INTERPRETATIVA
Docente A	Deixando sempre os alunos informados sobre suas tradições a cultura sempre presente no seu dia-a-dia.	A professora A mostra interesse em não deixar a cultura esquecida.
Docente B	Por vivermos e também morar na aldeia vivenciando os costumes, a cultura indígena levando assim para sala de aula a importância dos costumes enriquecendo a cultura.	A professora B tem uma visão maior pelos estudantes, por morar na aldeia.

A professora A diz que deixa seus alunos informados sobre suas tradições e cultura, a professora B reside na Aldeia Mont Mor e fala que leva para sala de aula a importância dos costumes enriquecendo a cultura. Observamos que ambas ao responder não mostraram nenhum artifício diferenciado que fazem uso para manter viva essa cultura. Ambas também deixaram em branco a segunda parte da pergunta.

Questionário aplicado a diretora da Escola Estadual Indígena. No primeiro momento a diretora foi questionada a respeito dos objetos e avanços que a escola busca alcançar.

QUADRO IV – FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDIGENA POTIGUARA	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1. Quais os objetivos e avanços que a escola Indígena deve alcançar?	Reforma no espaço escolar, para melhor atender o alunado; Mais capacitações para os professores e gestora.

A diretora diz que é necessário se ter reforma no espaço escolar e mais capacitações, frisa que é necessário se ter mais capacitações não apenas para os professores, mas também para ela enquanto gestora, pois em alguns momentos no decorrer do ano ela se encontra perdida sem saber como se comportar.

No quadro veremos a resposta da diretora quando questionada a respeito do PPP.

QUADRO V – FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDIGENA POTIGUARA	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1. Como é elaborado o currículo pedagógico na escola indígena?	O corpo docente da escola se reuni para elaboração do PPP, buscando assim contemplar a realidade dos alunos que frequentam nossa escola.

Percebemos que a construção do PPP na referida escola é feito em conjunto com a equipe pedagógica da escola, buscando assim contemplar necessidades encontradas por professores em sala de aula, procurando buscar um caminho para melhorar

A seguir veremos a resposta da diretora quando questionada sobre a relação escolar.

QUADRO VI – FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDÍGENA POTIGUARA	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1. Você enquanto gestor escolar, qual é a relação da gestão escolar indígena no contexto Potiguara e com a sociedade?	Resido na aldeia Mont Mor desde os primeiros dias de minha vida, hoje estou com 40 anos, ao longo desses anos tive o prazer de ver muitos dos alunos que hoje estão matriculados nessa escola, dessa forma afirmo que conheço as necessidades encontradas por muitas das famílias que confiam nessa escola para terem seus filhos matriculados.

Segundo Luck (2009, p. 22), afirma:

Os gestores escolares, constituídos em uma equipe de gestão, são os profissionais responsáveis pela organização e orientação administrativa e pedagógica da escola, da qual resulta a formação da cultura e ambiente escolar, que devem ser mobilizadores e estimuladores do desenvolvimento, da construção do conhecimento e da aprendizagem orientada para a cidadania competente. Para tanto, cabe-lhes promover a abertura da escola e de seus profissionais para os bens culturais da sociedade e para sua comunidade.

Sendo assim mediante os argumentos que obtivemos, entendemos que a gestora escolar além de trabalhar com os assuntos administrativos da escola, busca contato com os familiares dos alunos da referida escola.

Quando perguntada quais as dificuldades encontradas, ela diz:

QUADRO VII – FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDÍGENA POTIGUARA	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
10. Em sua opinião, qual é a maior dificuldade no trabalho do gestor escolar Indígena atualmente?	No atual governo tudo tem sido mais difícil de conseguir, pois querem acabar com muitos dos direitos alcançados pelo povo indígena, dessa forma acabam criando/inventando dificuldades, para disponibilizar ate mesmo material escolar, tendo como exemplo uma obra que solicitei desde o ano anterior e que ate o momento não tive nenhum retorno. E formação dos professores.

A gestora ressalta a falta de apoio do governo do estado e a falta de recursos para a escola, sobretudo na formação dos profissionais da gestão e principalmente dos professores, que nesta experiência indígena, devem ser subsidiados de forma contínua para que os pressupostos desse tipo de educação diferenciada sejam atingidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim da nossa pesquisa que teve como perspectiva compreender, FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS POTIGUARA: Uma educação diferenciada na Escola Estadual Indígena Dr. José Lopes Ribeiro, bem como entender como a sua relação com a sociedade.

Durante as nossas observações no cotidiano desta escola, constatamos que o universo educacional indígena é voltado sua própria realidade. A nossa pesquisa constatou que os professores da referida escola tem uma capacitação oferecida pelo governo estadual uma vez por ano, a pesquisa também constatou que mesmo diante de dificuldades, a escola mantém um currículo diferenciado voltado para a afirmação étnica dos seus sujeitos e busca, através de seus mecanismos próprios, contemplar ações que promovam o fortalecimento da sua cultura potiguara.

Vale ressaltar que essa luta por afirmação étnica é constante, principalmente diante de um a sociedade globalizada que reproduz mecanismos de exclusão social. Por isso, não é fácil manter uma educação indígena dentro de aldeia urbana com tantas influências do homem branco. Sem contar as políticas públicas no campo da educação e da demarcação de suas terras que não alcançam suas realidades, tornando-se mais um problema nesse processo educacional.

REFERENCIAS

BARCELLOS, Lusival. Práticas educativo-religiosas dos POTIGUARA da Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. 368p. il.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais para a formação de professores indígenas. Brasília : MEC; 2002.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as leis de diretrizes e bases da educação nacional [recursos eletrônico]. 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, edições câmara, 2013. 45p. (Série Legislação; n. 102).

LUCK, Heloísa et al. A escola participativa: o trabalho de gestor escolar. Rio de Janeiro, DP&A, 4. Ed., 2000.

PALITOT, Estevão Martins. Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura. 2005. Dissertação (Mestrados em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

_____. Serviço de Proteção aos Índios-SPI. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/serviço-de-proteção-aos-indios-spi?limitstart=0#>>. Acesso em: 02 out. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE I: Questionário de Entrevista Aplicado à Gestora Escolar da Escola

Indígena Dr. José Lopes Ribeiro.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA- ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO

DISCIPLINA: TCC

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA PAULA ROMÃO DE SOUZA FERREIRA

DISCENTE: JAQUELINE ONICE DA SILVA

Eu Jaqueline Onice da Silva, estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia - com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, do Centro de Educação, da UFPB, estou realizando uma pesquisa voltada a formação do professor da Escola Indígena Dr. Jose Lopes Ribeiro . Deste modo, solicito a sua colaboração fornecendo às informações necessárias neste questionário, cujo objetivo é investigar a formação dos professores da escola indígena Potiguara, na aldeia Monte mor. A identificação sobre quem prestou as informações neste questionário, será mantida em sigilo. Antecipadamente agradeço a sua colaboração!

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: () masculino () feminino

Você é Indígena? () sim () não

Nível de Formação:

Em que ano, e em qual instituição você se formou?

Você já exerceu a função de professora? () sim () não

Como você se atualiza e estuda?

Como é sua rotina no dia-a-dia do trabalho?

Quais os objetivos e avanços que a escola Indígena deve alcançar?

Como é elaborado o currículo pedagógico na escola indígena?

Existe um Projeto Político pedagógico na escola? Como foi elaborado? Quem participou na elaboração do PPP?

Você exerce o cargo de gestor em mais de uma escola? Se sim qual?

Há quanto tempo você trabalha como gestor?

Você já foi gestor em alguma escola não Indígena?

Em quais turnos você trabalha como gestor? () Manhã () Tarde () Noite ()
Intermediário

Como se tornou gestor escolar indígena?

() concurso público

() seleção técnica

() indicação

() eleição direta

() transferência

() outros

Você enquanto gestor escolar, qual é a relação da gestão escolar indígena no
contexto Potiguara e com a sociedade?

Em sua opinião como seria uma escola ideal e de boa qualidade indígena?

Como a gestão pode beneficiar na atuação dos profissionais da escola indígena?

Em sua opinião, qual é a maior dificuldade no trabalho do gestor escolar Indígena
atualmente?

Obrigado!

APÊNDICE I I: Questionário de Entrevista Aplicado a duas professoras da Escola Indígena Dr. José Lopes Ribeiro.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA- ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

DISCIPLINA: TCC

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA PAULA ROMÃO DE SOUZA FERREIRA

DISCENTE: JAQUELINE ONICE DA SILVA

Eu Jaqueline Onice da Silva, estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia - com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, do Centro de Educação, da UFPB, estou realizando uma pesquisa voltada a formação do professor da Escola Indígena Dr. José Lopes Ribeiro . Deste modo, solicito a sua colaboração fornecendo às informações necessárias neste questionário, cujo objetivo é investigar a formação dos professores na escola indígena Potiguara, na aldeia Monte mor. A identificação sobre quem prestou as informações neste questionário, será mantida em sigilo. Antecipadamente agradeço a sua colaboração!

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: () masculino () feminino

Você é Indígena? () sim () não

Nível de Formação:

Em que ano, e em qual instituição você se formou?

Como se tornou professora indígena?

() concurso público

() seleção técnica

() indicação

() eleição direta

() transferência

() outros

Você já trabalhou em outra escola Indígena? () sim () não

Você já participou de alguma capacitação? Se sim, disponibilizada por quem?

Sua turma é formada apenas por alunos índios? () sim () não

Qual estratégia é utilizada por você em sala de aula para fazer permanecerem viva as identidades desses povos?

De que forma você ministra as aulas relacionadas aos componentes curriculares diferenciados?

Obrigado!

